



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

SILVANA MARIA BARBOSA DE MEDEIROS

**DIFICULDADES EM LEITURA DOS ALUNOS DA EJA:
RECORTE E REALIDADE DA ESCOLA
PADRE SIMÃO FILETO**

CAMPINA GRANDE - PB

2014

SILVANA MARIA BARBOSA DE MEDEIROS

**DIFICULDADES EM LEITURA DOS ALUNOS DA EJA:
RECORTE E REALIDADE DA ESCOLA
PADRE SIMÃO FILETO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^ª.Ms. Cléa Gurjão Carneiro.

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488d Silvana Maria Barbosa de Medeiros
Dificuldades em leitura dos alunos da EJA [manuscrito] :
recorte e realidade da Escola Padre Simão Fileto / Silvana Maria
Barbosa de Medeiros. - 2014.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Cléa Gurjão Carneiro,
Departamento de Letras".

1. Leitura 2. Ensino de Jovens e Adultos - EJA 3. Língua
Portuguesa I. Título.

21. ed. CDD 372.4

**DIFICULDADES EM LEITURA DOS ALUNOS DA EJA:
RECORTE E REALIDADE DA ESCOLA
PADRE SIMÃO FILETO**

Trabalho aprovado em: 30 de julho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Cléa Gurjão Carneiro NOTA: 90
Prof^a.Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)

Orientadora

Amasile Coelho L. C. Sousa NOTA 90
Prof^aMs. Amasile Coelho L. da Costa Sousa(UEPB)

Examinadora

Francisca Eduardo Pinheiro NOTA 90
Prof^aMs. Francisca Eduardo Pinheiro (UEPB)

Examinadora

Média: 90

CAMPINA GRANDE – PB

2014

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –	15
TABELA 2 –	15
TABELA 3 –	16
TABELA 4 –	17
TABELA 5 –	18
TABELA 6 –	18
TABELA 7 –	19

DIFICULDADES EM LEITURA DOS ALUNOS DA EJA: RECORTE E REALIDADE DA ESCOLA PADRE SIMÃO FILETO

Silvana Maria Barbosa de Medeiros¹

RESUMO

A leitura e a escrita são imprescindíveis para a formação de usuários competentes da Língua portuguesa. A leitura está presente no dia-a-dia, dentro e fora da escola, dessa forma, torna-se indispensável na vida das pessoas, além de formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Analisar as dificuldades em leitura dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é o objetivo da presente pesquisa, uma vez que, há uma série de fatores que chamam atenção para essa questão, tais como: falta de estímulo; leitura como decodificação, evasão, repetência escolar, dentre tantos outros. O respaldo teórico do estudo apoiou-se em: Kleiman (1993); Freire (1996); Geraldi (2006); Rojo (2009), e outros autores da área. A análise dos dados nos mostrou que os alunos da EJA têm pouca prática em leitura na escola e, por extensão, fora dela, por uma série de motivos apontados pelos sujeitos da pesquisa.

Palavras-chave: Leitura. EJA. Dificuldades em leitura.

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são práticas indispensáveis à formação de competentes usuários da língua. São elementos que constituem o processo de ensino e aprendizagem. Pensando por esse viés, fizemos o presente estudo, atentando especificamente para “o aluno da EJA”.

A leitura na escola, entre outros objetivos, deve possibilitar aos alunos o acesso a diversos gêneros literários que circulam na sociedade, visando, também, formar leitores críticos e competentes, porém o que percebemos, na nossa realidade escolar, são alunos que, na maioria das vezes, apenas decodificam o que leem, sem fazer nenhuma interpretação e, muitos só leem, e mal, o que são obrigados pelo professor em sala de aula.

¹ Graduanda em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: silmaria_barbosa@hotmail.com

Observando, pois, os desafios encontrados na sociedade contemporânea, percebe-se a imprescindível necessidade dos indivíduos, em busca de alcançarem níveis de conhecimento, sobretudo, o domínio da leitura e da escrita, uma carência emergente e um hábito cotidiano que proporciona o conhecimento de um mundo que vai além do legível, e que, por meio deste, adquire-se saber para agir e tomar decisões, como bem disse Pietri (2007), a leitura permite ao indivíduo “ter acesso aos bens sociais e culturais mais valorizados socialmente numa sociedade letrada”, nesse sentido, o acesso possibilita ao leitor, agir como cidadão proeminente e sujeito que não silencia.

Um dos problemas recorrentes quanto à prática da leitura, é a falta de estímulo existente, pois os alunos não encontram, muitas vezes, nenhum fundamento no ato de ler, e sabe-se que há uma finalidade, para que ler, como ler? Esta questão põe em discussão a leitura realizada por muitos educadores e compartilhada por muitos alunos em fase de aquisição desta e mesmo tardiamente, como é o caso dos alunos da EJA.

A leitura geralmente é compreendida com um ato decodificador, acometendo a esta um caráter obrigatório, com atividades mecânicas, fora do contexto real. Para Martins (2007), há várias maneiras de ler, as quais fazem sentido quando organizamos conhecimentos adquiridos na vida, a partir das situações vivenciadas na realidade, dessa forma, atribuímos sentido ao ato de ler, promovendo uma (re)leitura significativa da vida cotidiana, bem como, da escola e da família.

Quando se fala do incentivo à leitura, a escola exerce um papel importante por ter o dever de oferecer ao aluno, o ensino e o incentivo pela leitura. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

A leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que a partir do desenvolvimento da sua competência leitora esse aluno poderá tornar-se proficiente em todas as disciplinas.

Mas em algumas escolas a leitura é vista como um castigo, ao invés de ser apresentada como uma porta para as várias compreensões do mundo, bem como o desenvolvimento de sua capacidade crítica e intelectual. E essa é uma problemática que afeta tanto a leitura quanto a escrita, pois coíbe-se a capacidade de construção de várias significações, bem como, a capacidade de escrever, uma vez que, ninguém escreve se não tiver o que dizer, e a leitura acende essa possibilidade.

Como afirma Geraldi (2006, p.91) “ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto”. Então, é obrigação do leitor ter em mente os mais variados conhecimentos de mundo para a interpretação do texto e aquisição da escrita.

Para Freire (1996), “a educação é uma forma de intervenção no mundo” e, a escola, tem sido um agente divulgador dessa ideologia através do sistema educacional.

Muitos educadores apontam a leitura como um meio viável do combate ao analfabetismo funcional, advindo da falta de conhecimento da língua e seus usos efetivos em interação social, entre muitos que, apesar de terem acesso à escola, ainda enfrentam dificuldades quanto ao domínio do saber das habilidades da língua (escuta, fala, leitura e escrita).

Destarte, os usos efetivos da língua na sociedade possibilitam ao indivíduo a compreensão da conquista de seus direitos, enquanto sujeitos que leem/escrevem, sendo protagonistas de conquistas sociais pessoais e coletivas. O sujeito para ter consciência de seus direitos necessita da aquisição continuada da leitura e da escrita, que tem como um ponto de partida a alfabetização escolar e, a continuidade dessa aquisição que é um direito ao longo da vida.

Esta pesquisa tem, pois, o objetivo de apresentar as dificuldades de leitura de alunos da EJA. Para isso fizemos uma pesquisa descritiva, através de um questionário aplicado com os referidos alunos, a partir deste, observamos através de um “recorte”, a “realidade” de alunos da 8ª série, que estudam na Escola Padre Simão Fileto, na Cidade de Cubati. Para fundamentar nosso trabalho nos apoiamos em autores da área, como: Freire (1996); Kleiman (1993); Rojo (2009); Geraldi (2006), dentre outros. A leitura do artigo, dar-se-á primeiro com um breve histórico da educação de jovens e adultos no Brasil, depois com as concepções de leitura, bem como, a relação do aluno EJA com a mesma, até adentrarmos para a análise dos dados, do questionário acima referido, apesar da discussão não se encerrar nessa pesquisa, ficam as reflexões acerca da temática tão instigante e ao mesmo tempo desafiadora.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Essa modalidade de ensino, conforme Paiva (2014) se formou desde os tempos coloniais. Nas próprias comunidades, nas famílias e nas instituições religiosas e culturais. Foi importante nesse processo a ação dos religiosos missionários, mas tudo realizado de maneira informal.

Até o início do século XX, a educação elementar de jovens e adultos não possuía organização sistematizada. Com uma economia baseada na forma de produção agrária e assentada na mão-de-obra escrava, e, o poder político e econômico nas mãos da oligarquia, não havia interesse por parte destes em expandir a educação para o conjunto da população.

Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação, a partir daí, a política de Educação de Jovens e Adultos começa a consolidar-se no país. Segundo Di Pierro (2000, p. 111), “O Estado Brasileiro, a partir de 1940, aumentou suas atribuições e responsabilidades em relação à educação de adolescentes e adultos”.

Nessa época, o governo federal estendeu aos estados e municípios, a responsabilidade na execução e manutenção da educação em geral. A partir daí, a (EJA) passou a ter maior atenção dos gestores públicos.

De 1940, até os dias atuais, a Educação de Jovens e Adultos já passou por várias mudanças, mas todas com o mesmo objetivo, a responsabilidade de resgatar e educar os cidadãos que não tiveram oportunidade de se formar no tempo regular. Com isso, minimizando o índice de analfabetismo no Brasil.

Muito já foi feito, até hoje, pelos programas de alfabetização de jovens e adultos. Alguns ficaram só por conta da alfabetização, outros pela continuidade dos estudos, mas todos com um objetivo, pelo menos teoricamente, levar um pouco de dignidade às pessoas, por meio da educação.

Mesmo sendo tão antiga a prática de se educar os jovens e adultos, ainda hoje, há uma disparidade muito grande na atenção que é dedicada a essa classe, em relação aos cuidados que são direcionados à rede regular de ensino.

2.2 CONCEITO E PERSPECTIVAS TEÓRICAS DE LEITURA

Historicamente, as práticas educacionais em leitura têm sido subsidiadas por modelos teóricos. É nessa direção que, vamos refletir sobre as várias concepções que evidenciam o processo de ensino-aprendizagem da leitura. Para tanto, discutiremos quatro perspectivas

teóricas: teoria da decodificação; teoria cognitiva; interacional e teoria discursiva. Enfocaremos, principalmente, as questões que envolvem o uso da língua como fenômeno social, prática de ação interativa.

✓ Teoria da decodificação

Esta teoria tem como base as teorias da linguística estrutural, em que a língua era vista como um sistema de signos, ou seja, um conjunto de regras, um código desvinculado de suas condições de uso. Nessa teoria, cabia ao leitor decodificar palavras, ler com fluência um texto, localizar e reproduzir informações.

Segundo essa teoria, o processo de leitura consiste numa habilidade decorrente de um aprendizado particular, cabendo ao leitor realizar apenas um processo linear do que está escrito, abordando a atividade da leitura como uma mera identificação dos códigos linguísticos e das informações que os textos trazem.

Esse modo de ler, no entanto, está cerceado pela noção de que a aprendizagem pode acontecer pela memorização e repetição vazia de palavras alheias, desconhecendo que “não existe conhecimento sem sujeito cognitivo, cultural e biologicamente plantado” (DEMO, 2009, p.17)

Observa-se que, nessa teoria, a leitura é um processo em que o leitor faz uma relação entre signos linguísticos e unidades sonoras presentes no texto escrito. Sendo uma atividade que envolve apenas o leitor e o texto.

✓ Teoria cognitiva

A vertente cognitiva amplia os estudos sobre o processo de leitura e, de forma contrária ao modelo da decodificação, defende que a leitura é uma atividade de compreensão, em que o leitor utiliza seus esquemas mentais para apreender as ideias do texto. Nessa atividade, o indivíduo busca a compreensão do texto em seu repertório de conhecimentos acumulados ao longo de sua experiência de vida.

Kato (1996, p. 33) acredita que a leitura não se resume à decodificação, para a autora, os processos utilizados na atividade de um leitor dependem de concepções como: a) o grau de maturidade do sujeito como um leitor; b) do nível de complexidade do texto; c) do objetivo da leitura; d) do estilo individual do leitor, entre outros.

A autora define uma noção de leitura como, uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos, qualquer texto, colocamos em ação

todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu a nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

Ler, portanto, é, aprender e apreender; não somente desvendar o mundo das palavras; é saber combinar os códigos escritos e os significados culturais das palavras e, com elas, entender os modos pelos quais as pessoas interpretam a realidade e a si mesmas.

✓ Teoria interacionista

Nesse modelo há um inter-relacionamento dos dois níveis de conhecimento do leitor. Tanto a informação gráfica, quanto a informação que o leitor acumulou nas suas experiências de vida, participam do ato de ler.

O significado nem está centrado no texto, nem tampouco no leitor. O leitor, nessa concepção, aciona seus conhecimentos prévios, fazendo interação entre seus conhecimentos linguísticos, textuais e sociais.

Esta concepção pressupõe a reconstrução de sentidos, e tem como base, os conhecimentos apropriados ao longo da vida, que interagem entre si, razão pela qual, a leitura é considerada um processo interativo.

✓ Teoria Discursiva

Ler é uma prática discursiva que envolve o leitor, o(s) texto(s) – discursos sociais, históricos e ideológicos, revelando múltiplos sentidos. É uma atividade dialógica que possibilita à recriação de outros discursos, tornando-se o leitor um coautor do texto que lê.

O texto não possui um único sentido, mas múltiplos sentidos. O leitor, muito além de um simples decodificador de sinais gráficos e fonemas, é um leitor discursivo, competente e crítico que interroga o texto, aprecia conforme valores estéticos, afetivos, éticos e políticos; e amplia os sentidos do texto em condições sócio-historicamente determinados.

Nessa visão, a leitura é

um ato de se colocar em relação a um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriormente a ele, como possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/ textos (ROJO, 2009, p. 79).

Nesse sentido, uma leitura discursiva de um texto permite que o leitor:

- ✚ Desenvolva uma consciência crítica;

- ✚ Instaura um confronto entre ele e o escritor;
- ✚ Estabeleça um diálogo com o texto e com “outros textos”;
- ✚ Torne-se coautor do texto que lê.

Portanto, o trabalho com a leitura deve ser visto como uma prática social de leitura, que emerge do diálogo social e histórico entre o leitor e todos os outros (discursos), advindos do processo da leitura.

2.3 O ALUNO EJA E SUA RELAÇÃO COM A LEITURA

É senso comum ouvirmos falar em pesquisas que revelam que, muitos brasileiros não gostam de ler, que não leem por falta de interesse e que preferem outras formas de lazer à leitura. Neves (2009, p. 47) afirma que:

se o brasileiro não lê mais, não é porque os livros são caros em relação ao seu salário. Ele não lê porque não aprendeu a mexer com os livros. Ou seja, não lhe foi ensinado o hábito da leitura.

Quando se trata da educação de jovens e adultos, formar leitores competentes é mais complicado, pois, muitos desses jovens e adultos, abandonaram a escola por vários motivos, entre eles, para trabalhar. Ao voltarem, às vezes, muito tempo depois, leram e escreveram apenas o suficiente para sobreviverem numa sociedade letrada e excludente como a nossa. Assim, esse público chega à escola fora da faixa etária e traz consigo a marca de ser excluído da educação regular. Nesse sentido, Demo afirma:

Refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. (...) Os processos de construção de conhecimento e de aprendizagem dos adultos são, assim, muito menos explorados na literatura psicológica do que aqueles referentes às crianças e aos adolescentes. (DEMO, 2008, p. 16-17)

Dessa forma, o aluno EJA, muitas vezes, é visto como incapaz de aprender e de lidar com situações diversas da vida moderna e com a sociedade letrada. Entretanto, muitos deles desempenham importantes funções no ambiente em que vivem.

Partindo dessa realidade, entendemos que o ensino de leitura revela-se como um dos caminhos para melhorar o letramento desses alunos e contribuir para a inclusão social, pois o

não-domínio da leitura e da escrita é a causa maior, da exclusão do aluno EJA no mundo letrado. O cidadão que não está inserido, muitas vezes, nesse contexto, tende a ficar “para traz” em muitos aspectos desse mundo globalizado, e acaba sofrendo as consequências por não está fincado nesse contexto, uma vez que, o “mundo social” está demonstrando, na maioria das vezes, quem a pessoa é, o que ela faz, e quais suas qualificações.

O ensino e a prática da leitura na EJA devem percorrer o caminho da significação das atividades, partindo do princípio de que o aluno a quem se ensina tem uma vida social, lida diariamente com diferentes situações em que a leitura se manifesta com funcionalidade. A atividade da leitura deve ultrapassar o modelo estático de aprendizagem, aquele que não produz dinamicidade, criticidade.

Por isso, podemos afirmar que a leitura só ganha sentido na vida dos jovens e adultos se eles puderem ler e não decodificar. A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, Português) dizem que, por conta dessa concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar um texto, mas com enormes dificuldades de entender o que leem.

Nesse sentido, o grande desafio do ensino de leitura nessa modalidade é o desenvolvimento de uma metodologia pedagógica e um currículo adequado, que atendam às especificidades cognitivas, sociais e culturais desses alunos. Para tanto, são necessários profissionais qualificados para desempenharem a docência nessa área, que tenham uma formação continuada, uma vez que, as necessidades dos alunos variam de acordo com as exigências do mundo moderno e globalizado. Para isso, partimos da perspectiva de que,

não basta ensinar os conteúdos de Língua Portuguesa desvinculados das demais disciplinas. É de suma importância fazê-lo de forma transdisciplinar, associando-o às demais áreas do conhecimento. (...) Se quisermos que o estudante adquira a visão do todo, precisamos transformar a sala de aula em um espaço no qual se debatam as problemáticas sociais e urgentes, as relações interpessoais e os valores que as norteiam. (XAVIER; NASCIMENTO, 2011, p. 130)

Pesquisas nessa área revelaram que, o estímulo à prática da leitura e da escrita são primordiais para que os alunos da EJA (ou de qualquer modalidade de ensino), participem das variadas práticas sociais da língua, ao abrir um leque de conhecimentos e novos significados, levando-os a apreciar e a valer-se destes poderosos instrumentos: leitura e escrita.

Pensando por esse viés, há uma constante necessidade de ir ao encontro desses alunos/pessoas que tem contato todos os dias com a leitura e a escrita, mesmo não sendo letrados, uma vez que, essa cultura está marcada no cotidiano das pessoas e é de qualquer

forma vivenciada, ela precisa, pois ser abordada como primordial e indispensável. E o professor, segundo Pietri (2007), carece ter maneiras de oportunizar o conhecimento, uma vez que, as diferentes realidades socioculturais encontradas na escola, podem ser fatores decisivos ou facilitadores no aprendizado da escrita e da leitura.

3 METODOLOGIA

Este trabalho insere-se no contexto de pesquisa descritiva, caracterizada pela preocupação em “descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática” (GIL, 2008, p.26).

As informações coletadas no questionário nos apresentaram elementos significativos para atingir o objetivo proposto, que é identificar as dificuldades de leitura dos alunos da EJA, o “recorte” foi feito com uma turma de 8ª série, período noturno, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Simão Fileto, na cidade de Cubati. Para a amostra da pesquisa não houve um critério específico, os 20 alunos que responderam ao questionário, foram considerados os que estavam presentes na sala de aula no dia da sua aplicação, uma vez que, na turma pesquisada, nesse período 2014.1, estavam matriculados regularmente na turma, 35 alunos.

Os dados que serviram de corpus para este trabalho foram extraídos de um questionário composto por sete questões: quatro objetivas e três subjetivas, aplicado com os alunos. Os principais aspectos observados no questionário foram às dificuldades que os sujeitos da pesquisa sentem em leitura na escola. Portanto, o questionário foi o caminho para avaliar a eficácia do ensino de leitura na modalidade de ensino.

4 ANÁLISE DOS DADOS - “RECORTE E REALIDADE”

Apresentaremos a seguir, a análise dos dados obtidos através do questionário aplicado com os 20 alunos da EJA (8ª série), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Simão Fileto, na cidade de Cubati, um “recorte”, que nos permite entender melhor sobre a “realidade” e os motivos gerados em torno da prática da leitura.

VOCÊ GOSTA DE LER?	
Respostas	Quantidade de alunos
Sim	7 alunos
Não	13 alunos

Tabela 1: Pesquisa sobre o gosto pela leitura

Mediante as informações expostas na tabela 1, observamos o quanto os jovens, do contexto, não gostam de ler. Percebe-se que 13 alunos afirmam que não gostam de ler, isso é um índice muito alto, porém temos que levar em consideração que se trata de jovens que pouco, ou quase nenhum contato tiveram com a leitura na sala de aula, e fora dela.

Entretanto, a leitura é um espaço para o desenvolvimento intelectual de todo e qualquer indivíduo, é uma das habilidades mais importantes e indispensáveis que pode ser desenvolvida pelo ser humano. É a partir da leitura que o aluno da EJA pode entender seu cotidiano e chegar a importantes conclusões sobre a sociedade em que vive, se tornando pessoas críticas e reflexivas.

VOCÊ COSTUMA LER EM CASA?	
Respostas	Quantidade de alunos
Sim	9 alunos
Não	11 alunos

Tabela 2: Pesquisa sobre leitura e o lar

Dos 20 alunos pesquisados, 11 responderam que não costumam ler em casa e apenas 09 responderam sim. Os dados mostram que a maioria dos alunos não tem o hábito da leitura, ou mesmo uma leitura de qualidade em casa, e a escola torna-se o único meio de oferecer essa interação do aluno com a diversidade de leitura, porém sabe-se que essa não é a realidade dos alunos da EJA na escola.

A leitura ensinada nas escolas brasileiras, ainda é um trabalho de decodificação, em que o aluno lê mecanicamente, na maioria das vezes, sem entender o que lê. E com a Educação de

jovens e adultos não poderia ser diferente, e talvez, até pior, os números acima sinalizam para corroborar com essa afirmação.

O QUE VOCÊ COSTUMA LER?	
Respostas	Quantidade de alunos
Jornais	0 alunos
Cartas	1 aluno
Livros	3 alunos
Propagandas	0 alunos
Não leio	9 alunos
Revistas e livros	4 alunos
Livros e jornais	1 aluno
Jornais e propagandas	1 aluno
Revista	1 aluno

Tabela 3: Pesquisa sobre as modalidades de leitura

Os dados acima vêm confirmar as expectativas e observações realizadas durante a pesquisa, que a maioria dos alunos não tem acesso a material diversificado, ficando restrito, apenas, 3 alunos à leitura de livros, subentendido, possivelmente, como o livro didático. Nesse sentido, Mario Perini (2004, p. 81) explica que,

os professores tratam os textos didáticos apenas como um material que tem um interesse imediato e que serve somente para melhorar o desempenho escolar imediato, embora se apresenta desinteressante para os alunos.

Esse dado explica, também, porque os alunos da EJA não gostam de ler: o contato com material diversificado é muito pouco, o que faz as aulas de leitura serem enfadonhas, e, como consequência, os alunos sintam dificuldades para ler.

Um dado assustador é que nenhum aluno respondeu que costuma ler jornais, um meio atual e importante veiculador de notícias para deixar os jovens atualizados, ora, se o jornal é

um dos recursos com textos variados, preço acessível, atualizado, não chama a atenção dos jovens para a leitura destes, imaginem um livro!

Um bom leitor não é formado com materiais pobres em conteúdo e informação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) já mostram que “não se forma bons leitores oferecendo materiais empobrecidos”. Se o aluno não é estimulado a participar de situações nas quais o mesmo irá usar a leitura, dificilmente este se tornará um bom leitor.

QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ SENTE PARA LER?	
Respostas	Quantidade de alunos
Nada	1 aluno
Não compreendo as palavras	0 aluno
Não leio correto	0 aluno
Não compreendo as palavras; Leio devagar e Não leio muito correto	8 alunos
Não tenho dificuldade	2 alunos
Não ler correto e não tenho dificuldade	1 aluno
Não tenho tempo para ler	4 alunos
Não entendo o significado	0 aluno
Leio muito devagar e não leio correto	0 aluno
Dificuldades de entender a língua culta	1 aluno
Não compreendo a leitura, não leio correto	3 alunos

Tabela 4: Pesquisa sobre as dificuldades de leitura entre os alunos de EJA

Esta foi uma questão subjetiva, em que os alunos tinham que escrever a resposta, os dados apontam que 8 alunos responderam: “Não compreendo as palavras, leio devagar e Não leio muito correto”. Nota-se que os alunos não têm argumentos contundentes para defender seus pontos de vista, tanto é que as respostas foram repetidas, semelhantes e se resumiram em: Ter vergonha e ter dificuldade para ler.

As respostas demonstram que os alunos da EJA sentem muita dificuldade, até para responder a questão: “Quais as dificuldades que você sente para ler”? 7 alunos afirmaram: “Não compreendo as palavras”, “Leio devagar e “Não leio muito correto”, percebe-se nessas

respostas que eles têm medo de ler em público, conforme é provado em outro item da questão, em que 8 alunos responderam: “Não compreendo a leitura, não leio correto”.

QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENFRENTA PARA LER NA ESCOLA?	
Respostas	Quantidade de alunos
Medo de errar, vergonha dos colegas e outros.	15 alunos
Outros	0 alunos
Medo de errar	4 alunos

Tabela 5: Sobre as dificuldades de leitura na escola

Os dados acima refletem uma realidade pouco agradável: 15 alunos da EJA não leem na escola porque têm vergonha de errar na frente dos colegas, esse realmente é um dado preocupante, pois percebe-se que estes alunos enfrentam essas e outras dificuldades desde as primeiras séries do ensino fundamental, o que faz com que as leituras sejam vistas como um martírio para esses estudantes.

Nesse contexto, faz-se rever o que Kleiman (1993) analisou sobre a leitura na escola, abordagem na qual se constatou que a escola ensina menos leitura do que imaginamos, pois os alunos têm muitas dificuldades para ler na escola e quando o fazem têm medo de errar, vergonha dos colegas. Isso só será resolvido quando a leitura for tida como algo natural, ativo e construtivo, que vai além da formação estritamente textual.

O QUE VOCÊ ACHA QUE O PROFESSOR DEVE INDICAR PARA OS ALUNOS DA EJA LEREM NA SALA?	
Respostas	Quantidade de alunos
Leitura que o aluno compreenda	3 alunos
Jornais, livros	2 alunos
Textos de acordo com a realidade da turma	5 alunos
Jornais	3 alunos
Não sei	7 alunos

Tabela 6: Pesquisa sobre as modalidades de leitura que, na visão dos alunos, deveriam ser indicadas pelos professores.

No tocante à pergunta: O que você acha que o professor deve indicar para os alunos da EJA lerem na sala? Observa-se que os alunos sentem dificuldades em apontar o que desejam ler, pois 7 alunos responderam que não sabem o que o professor deve indicar para os alunos da EJA lerem. As respostas foram mecânicas. Porém, percebe-se certa insatisfação com os textos que os professores utilizam para ler na sala de aula, 5 alunos responderam que desejavam ler “Textos de acordo com a realidade da turma”.

COMO VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER O ENSINO DE LEITURA EM SALA DE AULA DA EJA?	
Respostas	Quantidade de alunos
Não sei	9 alunos
Melhor	6 alunos
Mais leitura	3 alunos
Livros bons	2 alunos

Tabela 7: Pesquisa sobre leitura e ensino

Parece decepcionante que em um universo de 20 alunos, 7 respondam que não sabem como deveriam ser o ensino de leitura no EJA, as respostas foram vagas, o que demonstra que os alunos não têm uma opinião formada sobre o assunto.

Esses dados mostram que a escola como espaço institucionalizado, marcante para o ensino da leitura, deve favorecer ao aluno, principalmente durante o ensino fundamental, um nível de leitura em que o aluno possa ter a capacidade de atuar sobre um dado fluentemente, já que temos na leitura o “alicerce potente” para a construção do conhecimento, uma vez que, favorece a compreensão nas demais disciplinas escolares, compete, então,

à escola, o desafio de ampliar o uso da leitura e da escrita, de modo que seus alunos desenvolvam uma das competências mais importantes para o mundo atual: aprender a pensar e a tomar decisões (BEZERRA, 2000, p. 79).

Por esses dados, evidencia-se que esses alunos da EJA, ainda estão em um nível elementar de leitura e mesmo assim, sentindo muita dificuldade para ler, detendo-se apenas, na condição de não encontrar dificuldades na leitura, ou seja, decifrar as letras. A leitura é vista por eles como o primário, superficial, não aprofundando o nível da leitura. Segundo Freire (2000), cada leitor é único e tem uma visão de mundo diferente, e vê a leitura conforme sua necessidade. Esses alunos chamam a atenção para si, quando percebe-se que se trata de alunos da 8ª série, que estão praticamente ingressando no Ensino Médio, e mesmo assim,

levam consigo, dificuldades e visões que necessitam ser ampliadas para os seus crescimentos sociais, culturais e cognitivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na base de todo o processo de reorganização e reorientação do trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos, está o desafio de desenvolver processos de formação humana, articulados com os contextos sócio-históricos e com o enfrentamento de seus processos de exclusão, garantindo aos educandos jovens, adultos e idosos o acesso à permanência e o sucesso no início ou no retorno desses sujeitos à escolarização básica como direito fundamental.

Nesse sentido, não podemos conceber o ato de ler como mero exercício de decodificação dos sinais gráficos. Ser um leitor proficiente, com autonomia, sendo capaz de ler, compreender e interpretar o que leu, construindo significados, pressupõe um jogo interativo que envolve conhecimentos prévios, considerados saberes necessários que se tornam indispensáveis para o próprio ato de ler.

Constatamos que a falta de conhecimento do aluno EJA, da função social da leitura, corrobora para estes não gostarem de ler na escola e por extensão, fora dela. Isso mostra que deve ser dado um novo sentido ao ensino de leitura nesta modalidade de ensino, além de se criar estratégias pedagógicas adequadas e eficientes para dar uma nova dimensão ao ensino de leitura.

Desta forma a escola tem papel de orientar e aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos em relação à prática da leitura, bem como, mediar à construção de novos.

Pensar sobre as práticas educativas da EJA requer uma reflexão sobre o estilo de vida dos jovens e adultos que frequentam as classes dessa modalidade de ensino, sobre as metodologias de ensino aplicadas no contexto escolar, nos conteúdos selecionados no planejamento dos professores, nas inter-relações sociais que ocorrem no ambiente escolar, na formação de professores, enfim, todos os fatores internos e externos ao aluno e a escola que acolhem ou afastam os jovens e adultos das salas de aula.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Leitura e escrita**: ainda desafios para o próximo milênio. João Pessoa: Grafhos, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n. 248 de 23 dez. 1996.

CABUTO, Maurício. **Leitura e os Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/leitura-e-os-parametros-curriculares-nacionais/32871/> Acesso em 14/03/2014.

DEMO, Pedro. **Educação pela pesquisa**. Campinas: Editores Associados, 2008.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2009.

DI PIERRO, M. **As políticas públicas de educação básica de jovens e adultos no Brasil**. Tese (Doutorado) PUC-SP. São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 39.ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GERALDI, J. W. Unidades básicas do ensino de português. In: _____ (org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KATO, Mary. **No mundo da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo; Ática, 1996.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes, 1993.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007.

NEVES, L. C. B. Et al. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. Universitário/ UFRGS, 2009.

PAIVA, J. **Educação de Jovens e Adultos: direito: concepções e sentidos.** Disponível em www.bdt.d.ndc.uff.br. Acesso em 16/03/2014.

PERINI, Mário. **A língua do Brasil amanhã e outros autores.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

XAVIER; NASCIMENTO. **Práticas de Leitura de textos poéticos.** São Paulo: Cortez, 2011.

ABSTRACT

Reading and writing are essential for the formation of competent users of the English language. Reading is present in day-to-day activities in and outside of school thus becomes indispensable in people's lives, and form critical and active citizens in society. Analyze the difficulties in students' reading of Youth and Adults (EJA) is the objective of this research, since there are a lot of factors that draw attention to this issue, such as: lack of stimulation; reading as decoding, avoidance, school failure, among many others. The theoretical support of the study was based on: Kleiman (1993); Freire (1996); Geraldi (2006); Rojo (2009), and other authors in the field. Data students have little EJA practice e a ding at school and, by extension, outside, for a number of reasons cited by the research subjects.

Keywords: Reading. EJA. Difficulties in reading.